

Francisco Adolfo de Varnhagen e a crítica ambiental oitocentista

LAURA NOGUEIRA OLIVEIRA*

Visconde de Porto Seguro (Sorocaba, São Paulo, 1817 - Viena, Áustria, 1878), Francisco Adolfo de Varnhagen, diplomata brasileiro, historiador e literato, é autor conhecido e estudado. Sua extensa e diversificada produção intelectual foi detalhadamente levantada por vários estudiosos de sua obra que se encarregaram de reconhecer e de localizar seus escritos.¹ O Visconde foi um autor prolífico que produziu trabalhos em diferentes áreas de conhecimento: História, Biografia, Literatura e Crítica Literária. Contudo, apesar da identificação, localização e análise de sua produção intelectual, ela ainda guarda agradáveis surpresas.

Segundo Nilo Odália (1979), o estudo da obra de Porto Seguro nos permite vislumbrar questões que preocupavam, em sua época, as classes dirigentes do Brasil. Compreender o autor oitocentista seria, em sua avaliação, desvendar a estruturação e o amadurecimento de um pensamento teórico profundamente engajado na conformação de uma Nação idealizada. Seus trabalhos nos permitiriam, enfim, adentrar nas preocupações que alimentavam as discussões de seu tempo, que povoavam tanto o universo do autor, como o de seus contemporâneos.

Em 1841, Varnhagen publicou, nas páginas da revista portuguesa *O Panorama*, um pequeno relato de uma viagem que realizou ao Brasil no ano anterior. Nascido na Província de São Paulo, ele mudou-se com a família para Portugal, em 1824, onde seu pai continuou a servir o monarca D. João VI (LESSA, 1961:19). Ele somente retornou a seu país de nascimento em 1840, já engenheiro militar e tenente do exército português e, durante sua estadia no Brasil, decidiu conhecer a cidade onde nascera. Conforme anota em carta a um amigo, resolveu partir “para o Sertão”.² Quando do seu retorno a Portugal, ele relatou

* Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG; Doutora em Literatura Comparada.

¹ Certamente o trabalho de maior fôlego de levantamento e catalogação da obra do Visconde foi o realizado por Clado Ribeiro de Lessa - publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, entre 1945 e 1954. Lessa também coligiu e publicou a correspondência ativa do autor. (LESSA, 1961). Segundo avalia Arno Wehling, os trabalhos de Lessa sobre Varnhagen restabeleceram “o significado intelectual” e valorizaram a capacidade produtiva do Visconde. (WEHLING, 1999: 20).

² A anotação aparece, segundo Lessa, na margem de uma carta dirigida a Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, então Diretor da Biblioteca de Évora. (LESSA, 1961: 52).

acontecimentos dessa viagem, no texto intitulado *A picada do mato virgem* [...], naquela revista literária portuguesa.³

O texto em questão foi redigido, conforme declarou Varnhagen, sob as impressões do cenário encontrado de “cuja lembrança conservo tão viva, como se inda há pouco tivera lugar” (VARNHAGEN, 1841: 221).⁴ A forte impressão causada pela paisagem, e confessada tão enfaticamente, era resultante de uma natureza virgem cuja força se fizera imprimir em seu espírito que ele avaliava ser tão “viva e animada” que por si só já garantiria a produção de uma bela e original literatura. Como seus contemporâneos da revista *Panorama*, Varnhagen seguia os passos de teóricos seus contemporâneos, como Ferdinand Denis, por ele citado, que tendiam a enxergar “paisagens idílicas em todos os recantos” das florestas americanas e viam nelas a fonte de inspiração para a edificação de uma literatura nacional (CÉSAR, 1978: 31).

A diferença aqui é que Varnhagen se apresentava como aquele que com seus olhos constatou essa possibilidade. Seu texto é categoricamente iniciado com o verbo na primeira pessoa: “presenciei” e porque presenciara, tinha ele o direito de confirmar “toda a sua eloquência” [da natureza]. Questionava, então, se seria possível a um escritor, que jamais viveu as sensações geradas pelos deslumbrantes paisagens americanas, aquilatar seu esplendor e ser capaz de traduzi-las em versos e prosa. Se os críticos literários afirmavam ser os panoramas naturais da América capazes de despertar o gênio literário, repetia enfático ser preciso conhecê-los para tentar “copiar com desempenho e fidelidade todas as bellezas que reconheceu no original”. E chegava mesmo duvidar se existiria “um só que tenha visto capaz de copiar com desempenho e fidelidade todas as bellezas que reconheceu no original” (VARNHAGEN, 1841: 221). Afinal:

Infinitamente variada era a vegetação [...] que se desenrolava a meus olhos. Haverá ali leitor que, sem se ter sensibilizado no meio de um mato virgem americano, possa dessa vegetação fazer cabal idéia? Que possa accumular a um tempo só de imaginação essa aluvião de arvores infinitamente variadas, que até agora deram flor, fructo e sementes em alturas enormes, fóra do alcance de olhos humanos, e

³ O periódico *Panorama* apareceu em Lisboa em 1837 e foi publicado até 1858, sustentado pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis. Nesse periódico colaboraram grandes nomes do romantismo português e Varnhagen foi um de seus diretores suplentes desde o aparecimento da folha. (LESSA, 1945; MOREIRA, 1967).

⁴ No presente trabalho, optou-se por conservar a grafia de época nas citações de trechos dos textos aqui utilizados.

vistas só do firmamento? Tantas qualidades de alastrados cipós [...] [...] As outras imensamente variadas parasytas, que só por si ornam de todas as cores os matos.
(VARNHAGEN, 1841: 221)

Porém, se o contato direto com a exuberância de cores e variedades de formas das matas tropicais era condição imprescindível para a formação e desenvolvimento de uma literatura original e bela. Varnhagen alertava que isso estava sob seriíssima ameaça. Narra então que, percorrendo o caminho na borda do mato virgem, viu dele sair “alguma fumaça”, numa clareira aberta em meio às árvores. Apeando do cavalo e se embrenhando por uma trilha, deparou-se com “uma extensa arrotéa, à qual se havia largado fogo alguns dias antes, e que, todavia, ainda em muitas partes fumegava a coivara” (VARNHAGEN, 1841: 221). O trecho que se segue é um verdadeiro manifesto contra a cena presenciada:

Que magoa não era ver ahi meio queimados troncos d’arvores gigantes, que haviam tranquillos vivido seculos, em que tão celebres e famosas destruições tiveram logar na face da terra. – Destruições essas feitas nas obras, que já a mão do homem substituíra às do Creador! – Tambem a estas arvores, creaturas do mesmo Ente, era chegada a sua vez. – Que dó não era ver cahido por terra o duradouro araribá, lavrado do fogo, que lhe devorava as entranhas, e que, apesar da sua tendencia devoradora, ahinda mostrava repugnância em lhe chegar ao coração! – Que dó não era ver reduzido a tições o cerne de tantos troncos da rija e elevada cabriúva, prestantissima nos engenhos d’assucar; - a útil e balsamica peroba de madeira amarella analoga ao vinhatico; as profícuas canelleiras de varias cores tão empregadas para taboado! – Que dó não era ver o resinoso patahy, com seus frutos de polpa amarella, junta à dura e resistente massaranduba; e os guapos cedros de madeira vermelhaça; de facil lavor, ao pé da bancacenta guaratan, que apenas se deixa rchar – por via da dureza, indicada em língua tupi pela ultima sylaba do seu nome! – Que dó não era enfim ver quase de todo consumidas infinitas árvores, que existentes desde quando há memoria sobre a terra viram neste anno decretada sem appelação a sentença da sua morte. (VARNHAGEN, 1841: 221)

A viagem que permitiu ao jovem engenheiro se sensibilizar, conforme declarou, com as matas virgens americanas, foi a mesma que possibilitou o conhecimento de práticas de corte e de queima das árvores. A seus olhos, tais práticas eram uma poderosa força de

destruição imposta pelo homem à natureza. Estarrecido, o jovem viajante verificou que toda a pujança de vida restava, pelas mãos do homem, “moribunda”. Constatava, enfim, que perdiam os literatos, pois tinham sua fonte de inspiração incinerada e simplesmente reduzida a cinzas.

Todavia, advertia o autor, se perdiam os literatos, muito mais perdiam “os interesses dos vindouros” e a “utilidade pública”. Aliás, por “pejo de censuras estranhas”, conclamava que fossem respeitados “os annosos paus de construção, que a lei manda reservar, e que por esse mesmo motivo são chamados paus de lei”. Retoricamente perguntava então: “Prohibiremos que se cultive e rotêe a terra?” Enfático respondia: “Não, de nenhum modo.” Declarava que, se seus leitores julgassem ser ele um opositor do “progresso da civilização”, não era essa a verdade. A seu ver, proclamava, o erro estava na forma de utilização da terra: toda a destruição descrita fora feita para se formar uma sementeira e nela se plantar uma roça. Contudo, afirmava, para se plantar “nada mais se precisa [...] do que abrir à estaca na terra covas, depois de queimada a ramagem, e botar nas mesmas covas as sementes, que constão ordinariamente quase só de milho ou feijão”.

Os olhos que testemunharam eram aqueles os mesmos que revelavam a permanência de práticas espúrias e o relato desempenha aqui o papel de difusor de valores e ideias. Varnhagen denunciava a derrubada de matas virgens, o desperdício de madeiras nobres e a inadequação das práticas agrícolas utilizadas. Ou seja, acusava a imprevidência de seus contemporâneos frente aos vindouros, porque não eram capazes de avaliar o grau de destruição realizada. E se as mãos do Criador cunharam aquelas “criaturas”, as do homem agiam no sentido contrário e, portanto, contra a própria vontade divina.

Segundo José Augusto Pádua, a formação de uma tradição de crítica à destruição ambiental remonta ao século XVIII. Em Portugal, essa tradição foi fundada a partir da reforma educacional pombalina, iniciada em 1772, que permitiu uma aproximação da academia portuguesa com as ciências naturais. Se em outras partes da Europa as ciências naturais já ganhavam espaço, o marco dessa expansão em Portugal seria a fundação da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1779. Nesse contexto, foi difundida em Portugal a corrente de pensamento chamada de “economia da natureza” que “pressupunha a existência de equilíbrios interdependentes entre as várias partes do mundo natural, de modo que cada elemento tinha uma função relevante para a dinâmica coletiva” (PÁDUA, 1999: 45). Se ao

fazer uso dos recursos naturais o homem empregava técnicas rudimentares como a da queimada, a ação humana conduziria à destruição e ao desperdício e colocaria em risco a possibilidade do progresso contínuo da sociedade. A destruição da natureza pelo homem seria “derivada do uso de práticas e tecnologias rudimentares herdadas do passado colonial” (PÁDUA, 1999: 46) e a solução estaria no emprego de modernas tecnologias geradas pelo conhecimento científico. A natureza fornecia os recursos necessários para o progresso constante da sociedade, assim, utilizá-los de forma irracional era condenar essa sociedade ao desaparecimento. Como sócio efetivo da Academia de Ciências de Lisboa a partir de 1839, participando de suas reuniões e lendo as publicações da agremiação, muito certamente Varnhagen entrara em contato com as ideias da “economia da natureza”.⁵

Porém, muito provavelmente, essa preocupação com a preservação das áreas florestais já vinha da casa paterna. Seu pai, Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, ocupou em Portugal, desde 1825, o cargo de Administrador Geral das Matas da Repartição da Marinha. Em 1836, como fruto de sua experiência de replantio de pinhais, ele publicou um livro, intitulado *Manual de instruções praticas sobre a sementeira, cultura e corte dos pinheiros*, em cuja *Introdução* defendia a necessidade premente de se ampliar a plantação daquelas árvores no país. Segundo ele, sua obra propunha-se a

[...] dar instruções sobre o methodo das sementeiras das duas mencionadas qualidades de pinheiros, no clima de Portugal nos diferentes terrenos, assim como sobre a cultura dos pinhaes neste paiz, e o corte e conservação das suas madeiras, tudo o que a pratica de muitos annos em observações e indagações tem ensinado aos empregados da Administração dos Pinhaes Nacionaes de Leiria, e a mim nos ultimos onze annos, em que tenho sido Chefe desta interessante repartição [...].(VARNHAGEN, 1836: 2)

Defendia, então, ser necessário em Portugal “aumentar as matas por sementeiras novas, e tratar da conservação tanto das existentes, como das que houverem de semear systematicamente” (VARNHAGEN, 1836: 3). E por que todo este trabalho deveria ser

⁵ Segundo Clado Lessa, Varnhagen foi aceito como membro da Academia, em 1839, depois que apresentou para a agremiação seu trabalho de preparação para edição da obra do colono brasileiro quinhentista, Gabriel Soares de Sousa (LESSA, 1961: 19).

realizado? Segundo o autor, em prol do “adiantamento deste paiz”, porque “as matas formão nos Estados civilizados huma parte da riqueza Nacional, ou hum ramo da Economia política”. Varnhagen pai afirmava que inúmeras florestas portuguesas, ao longo da história, haviam desaparecido e que para isso contribuíram, e muito, a introdução do uso do carvão nas fábricas e a prática da queimada. A seu ver, parecia mesmo haver um “ódio” do povo às árvores. Mas, conforme advertia, a destruição das matas não ocorria impunemente. Ela levava à esterilização dos solos e à desertificação, pois a terra descoberta era lavada pelas chuvas, perdia sua fertilidade e os detritos eram conduzidos para o fundo dos rios. Disso resultava o assoreamento dos mananciais e também a secagem das “fontes e vertentes” e, conseqüentemente, a piora da qualidade das águas. Não por acaso, afirmava, as regiões mais florestadas tinham águas de muito melhor qualidade e um ar mais puro, porque as árvores absorviam “o gaz acido carbônico, e exhalão gaz oxygeneo”, do que resultava também um clima mais ameno (VARNHAGEN, 1836: 3). Concluía, por fim, que da conservação das áreas florestadas e do plantio de árvores resultava uma melhoria da saúde da população, que seria menos afetada por epidemias, por viver em clima melhor e beber água de qualidade - “se houverem matas dispersas por toda a parte neste paiz, de certo faltarião muitas epidemias, que principalmente na estação quente, atormentão os habitantes de alguns districtos, e as agoas serião mais saudáveis nos ditos sitios” (VARNHAGEN, 1836: 3).

Frederico Varnhagen informava seu leitor de estar ciente de que “sobre este assumpto já se tem escrito em Portugal” e recomendava para uma melhor instrução sobre “a parte theoretica deste objecto, podem ler a interessante *Memoria sobre a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal, por José Bonifacio de Andrada e Silva*” (VARNHAGEN, 1836: 13). Pádua avalia que neste texto Bonifácio apresentou “reflexões políticas altamente instigantes”, no qual relacionava a ruína das nações à destruição de suas florestas e afirmava que a desertificação do Oriente Médio se originou como resultante das mãos do homem. Segundo Pádua, Bonifácio afirmava que “a sucessão milenar de práticas ambientais danosas – incluindo o desflorestamento, a sedimentação dos rios e canais [...] – foi responsável pela erosão radical da paisagem” (PÁDUA, 2002: 137).

Ao citar a *Memória...* redigida por Bonifácio e indicá-la como indispensável leitura para aqueles que desejassem melhor se instruir, Varnhagen pai filiava suas ideias àquelas que

fizeram escola em Portugal, a partir da reforma da Universidade de Coimbra. Segundo Pádua, desde aquela reforma, ocorrida ao tempo do Marquês de Pombal, ingressara na centenária instituição de ensino “uma visão condenatória da destruição da natureza, assim como uma visão positiva do progresso econômico calcado na produção primária” (PÁDUA, 2002: 130-131).⁶ Neste sentido, o *Manual de instruções praticas...* pertencia a uma genealogia intelectual e, não por acaso, seu autor afirmava que “todas estas asserções [as que fazia] são tão sabidas, que teria sido escusado menciona-las” (VARNHAGEN, 1836: 8). Então, por que repeti-las? Porque ele desejava cooperar para “felicidade da Nação”, em prol dos vindouros e, por isso, dispôs-se a disseminar sua experiência para auxiliar no “aumento da cultura dos nossos pinhais”.

Teria Varnhagen, o filho, lido a obra de seu pai e a tomado como fonte de orientação? É certo que *Manual de instruções práticas* compunha a biblioteca do Visconde porque ele consta no *Catálogo de la Biblioteca Varnhagen*, publicado em 1904.⁷ Parece correto supor que, para além de um amor filial, e que levaria um filho a guardar a obra de um pai, o *Manual* pode ter sido uma de suas leituras, no que se refere à crítica ambiental oitocentista. Essa suposição também parece lícita porque, apesar de não citar diretamente o *Manual*, muitos anos mais tarde, informava que seu pai se ocupara de questões referentes às madeiras quando ainda estava no Brasil. Segundo informa no segundo volume de sua *História geral do Brasil*:

Durante a sua estada no Ipanema, se ocupara também [Frederico] Varnhagen com predileção [...] de assíduas experiências acerca das virtudes e resiteências das nossas madeiras, das quais havia formado umas das coleções mais completas até então conhecidas, e que, segundo o seu melhor aproveitamento, classificara, designando, como correosas, as sicupiras, o olandim carvalho, o ocuri, o angelin coco, a Camaçari, o pinhão e a caparoca; como suplentes do maógano, a matatamba, o conduru, a maçaranduba, o muici, o aderno, a sapucais, a inhaíba, a batinga e o jetaipeba; como beteadas, o gonçalo-alves (imitante à nogueira), o araribá, o Sebastião-de-arruda (pau-rosa), o pau-d’oleo, o ubiranduba, o pau-

⁶ Pádua mostra que a crítica da destruição ambiental ingressou na Universidade de Coimbra a partir da contratação do italiano Domenico Vandelli, autor que publicou inúmeros trabalhos sobre a temática e que foi professor, dentre outros, do próprio José Bonifácio.

⁷ Este *Catálogo* foi organizado no início do século XX por um dos filhos do diplomata brasileiro, durante o processo de venda de sua enorme biblioteca para o serviço diplomático do país. Cf. *Catálogo de la Biblioteca Varnhagen*, p. 186.

d'arco (amarelento), o macaco e finalmente o putumuju, mais claro e correoso; como substitutos do ébano, a muçutaibuçu (pau-santo), os jacarandás e o ipê-mirim. Semelhante ao espinheiro considerava a jaqueira, sendo igualmente amarelos o vinhático, a peroba, pau-cetim e oiti-coróia (VARNHAGEN, 1857: 199).⁸

Ao citar um trabalho de listagem das árvores brasileiras elaborado por seu pai, Varnhagen certamente fornece pistas de uma das origens de suas preocupações com a destruição ambiental. Afinal, não seria esse trabalho do pai a origem do conhecimento das árvores brasileiras pelo filho? Talvez esteja na inspiração paterna a explicação para a denúncia feita no texto de 1841, que, afinal, foi escrito e publicado apenas cinco anos depois do *Manual*. Certamente, jovem tenente do exército português mostrava também, naquele momento, a filiação de suas ideias à crítica ambiental de seu tempo.

Enfim, parece correto afirmar que foram tais ideias que orientaram sua maneira de perceber e de relatar o manejo das matas e do solo nas terras da província brasileira. Sem elas muito provavelmente não teria sequer dado destaque, em seu relato, àquelas práticas. Nesse sentido, o olhar do viajante era um olhar instrumentalizado por um arcabouço conceitual e não um olhar ingênuo ou distraído que registrava ocasionalmente fatos e acontecimentos. É um olhar dirigido que também pretende dirigir o olhar de seu leitor.

No relato que fez, portanto, Varnhagen pretendia permitir ao leitor do *Panorama* escutar a voz daquele que presenciou a sobrevivência de práticas econômicas arcaicas e destrutivas que, em prol do constante progresso da humanidade, precisavam ser urgentemente denunciadas e superadas. Afinal, não era possível aceitar que continuassem a ser consumidas pelo fogo tão preciosas e úteis madeiras para se formarem simples sementeiras. Assim, está-se diante de uma perspectiva de defesa do uso dos recursos naturais em prol do aprimoramento constante da civilização. Uma civilização que, filha da racionalidade, deveria combater todas as formas de relações do homem com a natureza e dos homens entre si que significassem a persistência de usos e costumes considerados atrasados que atravancavam o próprio avanço civilizatório.

Não por acaso, Varnhagen estabelece uma ligação entre a prática da queimada e a existência do trabalho escravo. No texto, logo após a denúncia de todo o desperdício das

⁸ Ipanema era o nome da siderúrgica existente na cidade de Sorocaba, na Província de São Paulo, à qual D. João VI encarregou o engenheiro Frederico Varnhagen de fazer produzir.

riquezas naturais, vem a informação de que “nesta tarefa andava ocupado um trabalhador capturado”. Mesmo sem afirmar explicitamente que o atraso tecnológico estava diretamente vinculado à existência da escravidão ou que a escravidão era um entrave à superação de práticas agrícolas rudimentares e improdutivas, a imbricação entre os dois aspectos ficava sugerida. Afinal, o leitor, que vislumbrou a redução a cinzas da diversificada e rica flora virgem, deparava-se com o trabalhador responsável por toda aquela ação. Ele, o escravo de origem africana derrubava a mata e a queimava, como se tivesse autonomia para decidir e agir. E, para que se aquilatasse o atraso desse homem, informava-se que ele mal sabia falar a língua portuguesa, pois ao ser questionado, respondia “com sua pronuncia africana”. Sem alimentar maiores polêmicas, vê-se como, no texto, fica sutilmente estabelecida uma ligação entre escravidão, destruição ambiental e atraso técnico.

Contudo, a viagem realizada por Varnhagen em 1840 e o seu relato têm outro interesse no que se refere à sua produção intelectual e a crítica ambiental de seu tempo. Em 1877, ao publicar a segunda edição de sua *História geral do Brasil*, o Visconde a ela acrescentou um longo *Prólogo*, no qual discutia a importância do conhecimento da história colonial. Afiançava que apenas o seu estudo poderia formar o “espírito público” e unir os nacionais. Afinal, era preciso que os contemporâneos soubessem que o Brasil contava, no século XIX, com “eminentes cidades policiadas e fontes de riqueza abertas pela agricultura, pela indústria e pelo commercio”. Mas o leitor deveria saber que tudo isto não fora “obra do acaso, ou creado de repente”, mas sim era fruto do duro trabalho “de um grande número de gerações passadas”, fora graças à atuação gloriosa dos colonos portugueses que tudo aquilo pudera ser herdado. E por quê?

Informava seu leitor que, se no restante do território americano, espanhóis e ingleses encontraram “povos obedientes e com certa civilização” ou um clima semelhante ao europeu, o português se deparou no Brasil, com uma natureza “feroz”, prenhe de animais peçonhentos, composta por matas impenetráveis, cheias de espinhos e produtoras de frutos venenosos. Enfim, o colono português empreendera uma verdadeira luta numa guerra contra uma natureza inóspita e vencera. Essa era a lição da História. Se em 1840 Varnhagen se estarrecera e se revoltara diante da devastação de uma natureza bela e exuberante, trinta e sete anos mais tarde sua visão sobre os matos virgens parecia bastante diversa. Ele os apresentava como o

grande anteparo ao projeto colonizador. Tal natureza fora, contudo, domada graças ao esforço incomensurável de bravos e incansáveis colonos, que empreenderam uma “horrída luta”, domaram uma natureza indômita e fizeram-na produzir os alimentos necessários à vida e ao progresso. Foi graças a esta gloriosa luta que eles legaram a seus herdeiros, os brasileiros, “as casas fabricadas, as fazendas criadas, as villas e cidades fundadas”.

O que explicaria tal visão tão oposta da flora tropical? Na juventude, Varnhagen a descreveu de forma a sensibilizar seu leitor, a levá-lo a desejar conhecê-la para admirá-la e melhor nela se inspirar. Simultaneamente, condenava, conforme visto, o desmate irracional, a destruição das madeiras e a ausência de previdência. Naquele momento, a barbárie se encontrava nas mãos do escravo que empunhava o machado e decepava árvores centenárias. Já homem maduro, ao republicar sua *História geral*, Varnhagen orienta seu leitor, no citado *Prólogo*, no sentido de fazê-lo entender a história da construção da Nação brasileira como uma luta travada entre a barbárie e a civilização. Agora, a natureza era a barbárie, o grande empecilho à sobrevivência do homem nas terras americanas. Por que teria o historiador oitocentista realizado uma tão radical mudança de ponto de vista?

Certamente, uma primeira análise indica ser essa mudança uma explicação na perspectiva histórica assumida pelo historiador oitocentista. Segundo Arno Wehling (1999), Varnhagen acompanhava a cultura histórica de seu tempo, que via *Clio* “como amálgama da sociedade [...] e como expressão da identidade nacional” (WELLING, 1999: 29). Para Wehling, a cultura histórica dominante no XIX propunha-se a construir a genealogia das nações, respondendo à pergunta: “de onde viemos e para onde vamos”? Enfim, a história das nações, escrita numa perspectiva teleológica, estava umbilicalmente ligada ao processo de estruturação dos estados nacionais. Na avaliação de Wehling, a obra de Varnhagen foi o “mais famoso e melhor elaborado” produto da historiografia brasileira oitocentista, que cultivava a memória nacional. Logicamente, é preciso perguntar que memória histórica se propusera ele edificar. Varnhagen construiu a história nacional chocando-se com o indianismo romântico (OLIVEIRA, 2012), pois postulava serem os colonizadores portugueses, e não os indígenas, “a base da nacionalidade brasileira” (WELLING, 1999: 52). Sua história geral é a história da conquista do território pelo português conquistador. Na expressão de Clado Lessa, Varnhagen narra a “evolução das raças conquistadoras” (WELLING, 1999: 54).

Neste sentido, conforme destaca Wehling, o Visconde construiu uma narrativa que fez do português o agente histórico, o agente da civilização, origem da Nação e do qual foram exigidas “qualidades sobre-humanas” para dominar a natureza. Wehling lembra que no *Prólogo à História geral*, o autor: “apontou as serras e a densidade da floresta tropical como fatores inóspitos, afinal superados pelas qualidades morais e físicas dos colonizadores” (WELLING, 1999: 70).

Ora, a ação colonizadora fora descrita por Varnhagen já na primeira edição de sua *História geral* (1854-1857). Quando a reeditou, vinte anos mais tarde, acrescentou um *Prólogo* que claramente tinha por função apresentar e justificar o que se seguia. Ao destacar a ação colonizadora e apresentá-la como a luta contra uma natureza indômita, Varnhagen justificava o longo processo de espoliação realizado na América portuguesa. Tudo aquilo que fizeram os colonizadores seria justificável, porque a perspectiva adotada é a da luta da civilização contra a barbárie.

Isso significa afirmar que Varnhagen abandonara as ideias da crítica ambiental de seu tempo por julgá-las superadas? Muito provavelmente não. Em seu tempo, o emprego de técnicas espoliadoras dos recursos naturais permanecia e ele redigiu trabalhos sobre a produção do fumo, do açúcar, da erva-mate, do café e comparou as práticas agrícolas brasileiras com aquelas desenvolvidas em outras partes da América. Nesses trabalhos, teria ele condenado as práticas de desmatamento e de uso exaustivo das terras pela grande lavoura de seu tempo, ou teria apresentado o agricultor brasileiro como um continuador da luta colonial contra uma natureza indômita? Este é um trabalho que resta por ser realizado.

Referências bibliográficas

Catálogo de la Biblioteca Varnhagen. Santiago de Chile: Imprensa Moderna, 1904.

CÉSAR, Guilhermino (sel./apres.). *Historiadores e críticos do romantismo*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Edusp, 1978.

LESSA, Clado Ribeiro de. Formação de Varnhagen. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. Vol. 186, jan./março, p. 55-88.

_____. Vida e obra de Varnhagen: primeira parte – vida. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1954. Tomo 223, abril/junho, p. 88-297.

_____. Vida e obra de Varnhagen: segunda parte – obra. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1954. tomo 224, julho/set., p. 109-315.

_____. Vida e obra de Varnhagen. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955. Tomo 226, janeiro/março, p. 3-168.

_____. (orgs.) *Francisco Adolfo de Varnhagen: Correspondência Ativa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1961.

_____. Introdução. In: LESSA, Clado Ribeiro de. (orgs.) *Francisco Adolfo de Varnhagen: Correspondência Ativa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1961. p. 7-18.

MOREIRA, Thiers Martins. Varnhagen e a história da literatura portuguesa e brasileira. In: *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, tomo 275, p. 155-169, abril/jun. 1967.

ODÁLIA, Nilo. Biografia. In: ODÁLIA, Nilo (org.). *Varnhagen*. São Paulo: Ática, 1979. (Col. Gdes. Cientistas Sociais). p. 7-27.

OLIVEIRA, Laura Nogueira. Francisco Adolfo de Varnhagen e a negação do indianismo romântico. In: O Eixo e a Roda Revista de Literatura Brasileira. Belo Horizonte: FALE/UFMG. v. 21. n. 2. 2012. p. 125-144.

PÁDUA, José Augusto. Dois séculos de crítica ambiental no Brasil. In: *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, vol. 26, número 156, dezembro 1999.

_____. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. A picada do mato virgem: fragmento de uma viagem pelo sertão. O Panorama. Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, Lisboa: Tipografia da Sociedade, tomo VI, p. 221-223, jul. 1841

_____. A cultura do trigo no Brasil, comparada com as da mandioca, milho e arroz. In: Revista Popular. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, tomo V, jan./março 1860, p. 94/96.

_____. Tabaco da Bahia. In: Auxiliador da Indústria Nacional. Rio de Janeiro: Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. 15/setembro/1863, p. 425-437.

_____. *Carta ao Excmo. Ministro da agricultura: a respeito principalmente de vários melhoramentos nos engenhos d'assucar das Antilhas applicaveis ao Brazil*. Caracas: 1863.

_____. Prólogo. In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil, antes da sua separação e independência de Portugal*. 2º ed. Rio de Janeiro: Casa de E. & H. Laemmert, s.d., tomo I. (1877). p. V-XVII.

VARNHAGEN, Frederico Luiz Guilherme de. *Manual de instruções práticas sobre a sementeira, cultura e corte dos pinheiros, e conservação da madeira dos mesmos; indicando-se os methodos mais próprios para o clima de Portugal*. Lisboa: Typografia da Academia, 1836.

WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL